

## ROUSSEAU: UMA DISCUSSÃO POLÍTICA DIANTE DO PROGRESSO TÉCNICO

Luciano da Silva Façanha<sup>1</sup>  
Zilmara de Jesus Viana de Carvalho<sup>2</sup>  
Franciscleyton dos Santos da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Trata-se de analisar as obras, Discurso sobre as ciências e as artes e o Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, do filósofo Jean-Jacques Rousseau na perspectiva de compreender e fundamentar as consequências do desenvolvimento tecnológico e seus efeitos na contemporaneidade. Aborda-se a crítica de Rousseau ao iluminismo e a ideia de progresso científico moderno. Evidencia-se uma compreensão reflexiva da crise política através do conceito de desigualdade vivenciado pelo homem diante da ideia de progresso.

**Palavras-chave:** Rousseau; Progresso Técnico; Iluminismo.

**Abstract:** Analyzing the works, discourse on the sciences and the arts and the discourse on the origin and basis of inequality among men, of the philosopher Jean-Jacques Rousseau in the perspective to understand and support the consequences of technological development and its effects in contemporary times. Deals with the criticism of Rousseau to the enlightenment and the idea of modern scientific progress. Shows a reflective understanding of the political crisis through the concept of inequality experienced by man on the idea of progress.

**Keywords:** Rousseau; Technical Progress; Enlightenment.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professor do Departamento de Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Mestrado Profissional e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. [lucianosfacanha@hotmail.com](mailto:lucianosfacanha@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Mestrado Profissional e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. [ziljesus@yahoo.com.br](mailto:ziljesus@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Sociedade - PPGCult pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. [cleyton\\_vocare@hotmail.com](mailto:cleyton_vocare@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

As implicações sobre a ideia de progresso e suas consequências, são temas recorrentes na atualidade, provocando um debate inerente ao desenvolvimento da cultura e da sociedade, principalmente no que se refere à construção epistemológica presente na Modernidade. Por vezes essa análise se insere em uma visão trágica, mas que não anula totalmente a positividade e os benefícios ocorridos pelo desenvolvimento das ciências e das concepções que fizeram emergir as novas reconfigurações do fazer técnico.

Perante o mal-estar na civilização, momento de profundos questionamentos e de reconstrução e/ou construção política, surge a seguinte indagação: o que ainda nos resta dizer do homem dentro de uma estrutura contemporânea carregada de tecnologias e de novas reconfigurações de relações sociais, sobretudo, considerando-se o crescimento da individualidade e da consequente fragmentação política que a sociedade atravessa?

Diante do progresso técnico, existe como que a projeção de um mapa no consciente dos indivíduos, tanto quanto a sensação de angústia psicológica, fazendo-os perceber uma realidade de crise, por encontrarem-se entrelaçados na vivência desse movimento que os têm atingido, é uma metamorfose geradora de inquietudes, são novos afrontamentos da existência humana. À guisa de explicação para os grandes impactos causados *no modus vivendi* da humanidade, muito se apelou para um diagnóstico histórico-filosófico baseado no advento da Modernidade, quanto a isso basta lembrar os pensadores da escola de Frankfurt, que atribuiu todo esse processo que culminou no excessivo desenvolvimento da ciência e da técnica a um mau uso da razão, ao visualizarem o seu desdobramento em uma racionalidade meramente instrumental, fundamentando teoricamente a crise na qual imerge o homem contemporâneo.

Não sendo a intenção aqui a de entrar no mérito da discussão sobre em qual período histórico-filosófico realmente estamos situados, vem-nos, todavia, a preocupação de termos um esboço que possa nos conduzir ao entendimento de um horizonte de compreensão, diante das múltiplas faces do progresso técnico, enquanto fenômeno a ser estudado, revelando as consequências trágicas, evidenciadas no século XXI.

O que temos a oferecer é uma possível leitura do atual momento de nossa cultura, a partir de um recorte que está relacionado ao século XVIII, principalmente aos críticos do progresso da ciência e de seus efeitos, no que concerne à reflexão quanto ao aprimoramento ou não da sociedade. Essa proposta, portanto, encontra seu alicerce no pensamento do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau, que como veremos traz preocupações peculiares para os

estudos sobre os impactos da tecnologia na existência da vida humana a partir do desenvolvimento do progresso científico e moral.

Pergunto qual das duas – a vida civil ou natural - é mais suscetível àqueles que a fruem. À nossa volta, vemos quase somente pessoas que se lamentam de sua existência, inúmeras até que dela se privam assim que podem, e o conjunto das leis divinas e humanas mal basta para deter essa desordem. (Rousseau, 1973, p. 257).

Rousseau revela um aspecto moderno instigante e ao mesmo tempo preocupante, mostrando-nos não somente sua inquietação com o progresso da ciência, porém sua peculiar atenção à condição da natureza humana e seus aspectos morais, que refletem nos desafios circunstanciais do próprio homem moderno. É provocativa a discussão esboçada no *Discurso sobre as ciências e as artes*, inaugurando de certa forma a força da filosofia moderna, que põe em questionamento o próprio homem, seus problemas políticos, seu otimismo em relação a supostos desenvolvimentos nos quais acreditava, percebendo desse modo um cenário de crise, mesmo não desistindo de tentar pensar a forma mais adequada de equacionar o problema da passagem da natureza à cultura<sup>4</sup>, com vistas a um melhoramento da humanidade. De acordo com Santos (2010), nossas perguntas são ainda semelhantes as de Rousseau, mesmo que as respostas, no entanto, tenham se tornado bem mais complexas, com efeito diz ele:

[...] duzentos e tal anos depois, as nossas perguntas continuam a ser as de Rousseau. Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou colectivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade. (SANTOS, 2010, p. 18 – 19)

Ora, mesmo não desconsiderando o fato de que, evidentemente, o presente século tem as suas singularidades, muitas das quais Rousseau sequer poderia antever, sem dúvida o referido filósofo foi, todavia, no cenário da *Época das Luzes* – marcado pelo fascínio com o progresso técnico-científico, com a possibilidade do desenvolvimento humano no âmbito

---

<sup>4</sup> Segundo a compreensão kantiana presente na obra *Começo conjectural da história humana*, no primeiro e no segundo *Discurso*, Rousseau “mostra, com justeza, o inevitável antagonismo entre a cultura e a natureza do gênero humano como espécie física, no qual todo indivíduo deve realizar plenamente a sua destinação [...]” (KANT, 2010, p. 26) Ainda de acordo com o entendimento kantiano em obras como *Emílio* e o *Contrato social*, o genebrino estaria buscando “[...] resolver um problema ainda mais difícil: saber como a cultura deve progredir para desenvolver as disposições da humanidade, como espécie *moral*, conforme a sua destinação, de sorte que esta última não se oponha mais à primeira, à espécie natural.” (KANT, 2010, p. 26)

sociopolítico e, de um modo geral, na esfera dos costumes –, o crítico mais incisivo acerca do tipo de progresso que estava em curso; avaliando e demonstrando que os benefícios advindos deste, pesados na balança, eram bem menores que os malefícios, que já naquele contexto podiam ser atestados, sendo, pois, imprescindível uma leitura moderna a partir do genebrino para uma possível interpretação dos atuais desafios da humanidade diante das implicações do progresso científico.

Se existe uma voz moderna, arquetípica, na primeira fase da modernidade, antes das revoluções francesa e americana, essa é a voz de Jean-Jacques Rousseau. Rousseau é o primeiro a usar a palavra *moderniste* no sentido em que os séculos XIX e XX a usarão [...] Rousseau aturdiu seus contemporâneos proclamando que a sociedade europeia estava ‘à beira do abismo’, no limite das mais explosivas conturbações revolucionárias. (Berman, 2016, p.26).

### **ROUSSEAU E A FILOSOFIA MODERNA: Entre o Progresso Científico e o Progresso Moral**

A filosofia iluminista marcada, como se sabe, por um entusiasmo confiante no progresso científico, em realidade plenamente justificável, haja vista a empreitada bem-sucedida da física newtoniana, associa esse êxito, assim como outros alcançados, aos desenvolvimentos contínuos realizados ao longo da história pela razão, motivo pelo qual, de acordo com Souza (2001), os próprios iluministas distinguiam o séc. XVIII, valorizando-o em relação as épocas passadas, entendendo-o como um século que teria conquistado um patamar inequívoco de progresso. Ainda segundo Souza (2001, p. 27), a ideia de progresso encerra ademais:

[...] a crença de que o mundo natural e o domínio do social podem ser objeto de uma ação racional visando a sua transformação. O progresso equivale assim à realização de ideais morais e sociais. Desse modo está estabelecido o laço que une o desenvolvimento da razão, o aperfeiçoamento dos homens e a construção de uma sociedade mais feliz.

É de extrema importância entender a preocupação de Rousseau ao elaborar seu texto, que tratará a princípio, justamente do tema do reestabelecimento das ciências e das artes, já que não compactua com os demais filósofos iluministas, que estão vendo no progresso científico daquele momento, o desenvolvimento para uma civilização moralmente mais aprimorada, ponto esse central abordado em seu espantoso *Discurso sobre as ciências e as artes*, premiado pela Academia de Dijon.

O prefácio do *Primeiro Discurso*, isto é, do *Discurso sobre as ciências*, revela categoricamente a visão de um filósofo que tem consciência dos desafios de apresentar um

texto em um contexto respaldado pelo fortalecimento de um paradigma científico impregnado de convicções e de apostas que asseguram a crença radical no desenvolvimento da sociedade a partir do progresso reestabelecido nos séculos das luzes. Dessa forma, não é de se espantar o motivo pelo o qual as reflexões rousseauianas sobre o progresso da ciência e da moral seja um alerta, que fará bem mais sentido ao longo do tempo, dado os inúmeros acontecimentos históricos vivenciados pela humanidade.

Por isso já tomei meu partido; não me preocupo com agradar nem aos letrados pretenciosos, nem às pessoas em moda. Em todos os tempos, haverá homens destinados a serem subjugados pelas opiniões de seu século, de seu país e de sua sociedade. Faz-se passar hoje por espírito forte, filósofo, quem, pelo mesmo motivo, ao tempo da Liga não teria passado de um fanático! Quando se quer viver para além de seu século, não se deve escrever para tais leitores. (ROUSSEAU, 1973a, p.39).

O que temos em certa medida em Rousseau é a proposta de uma crítica que vai incomodar a comunidade intelectual de sua época. O ponto de partida, que imediatamente se propõe a desconstruir a defesa filosófica vigente sobre a ciência dar-se-á sob medida na preocupação de pensar não somente o progresso técnico (científico), mas também o progresso moral. Com isso ao longo do *Discurso sobre as ciências e as artes*, veremos os embasamentos filosóficos e argumentativos para uma discussão e fundamentação sobre a questão do progresso das ciências e sua relação com o aprimoramento dos costumes.

A pergunta proposta pela Academia de Dijon norteadora do primeiro *Discurso*, a saber, “O Restabelecimento das ciências das artes contribuiu para aprimorar ou corromper os costumes?” (ROUSSEAU, 1973, p.341), possibilita a Rousseau pensar inicialmente sobre os impactos do renascimento no desenvolvimento da moralidade e, por assim dizer, desenvolver uma discussão sobre as consequências éticas daí advindas, delineando-se assim os dois caminhos a serem percorridos no referido texto, ciência e moral, desembocando em uma proposta radical, visto que desestabilizará todo itinerário e sistema moderno, desde a renascença, fortalecido pelo sistema cartesiano do século XVII.

Na modernidade<sup>5</sup>, encontramos uma concepção iluminista fundamentada na crença de uma racionalidade que sustenta a ideia de um poderio da ciência e do progresso técnico,

---

<sup>5</sup> Quanto à expressão modernidade, devemos entender, segundo Lyon (1998, p. 35), que: “O termo se aplica à ordem social que emergiu depois do Iluminismo. Embora suas raízes se estendam até épocas bem anteriores ao Iluminismo, o mundo moderno está marcado por seu dinamismo sem precedentes, por sua rejeição da tradição, ou sua marginalização, e por suas consequências globais. O ponto central da visão de futuro da modernidade se

como aprimoramento moral, ao mesmo tempo em que propicia o desenvolvimento da própria sociedade. Em Rousseau não encontraremos uma oposição radical a essa perspectiva de ideia de progresso, ao ponto de entender que a ciência seja um mal necessário, pois, como afirma o genebrino, “a ciência é muito boa em si mesmo, eis o que é evidente e seria preciso ter renunciado ao bom senso para dizer ao contrário” (ROUSSEAU, 1973a, p 384). Todavia o que se deseja restabelecer é o valor moral, e não um ataque a “obra-prima do gênio e da razão” (ROUSSEAU, 1973a, p 401). Desse modo, lemos nas respostas dadas às objeções dirigidas ao seu *Primeiro Discurso*, especificamente na sua Carta ao Rei da Polônia, Duque da Lorena:

Posso, pois, assegurar, que nossos princípios e, conseqüentemente, todas as proposições que se podem deduzir, nada têm de opostas, e isso é que tinha de provar. Todavia, quando chegamos a concluir, nossas conclusões mostram-se contrárias. A minha afirmava que, posto que as ciências fazem mais mal aos costumes do que o bem a sociedade, seria desejável que os homens se dedicassem a ela com menor ardor. (ROUSSEAU, 1973a, p 384).

A menor dedicação à ciência é um convite feito aos intelectuais de sua época, pois o que Rousseau percebe e transpõe exhaustivamente no primeiro *Discurso* é um resgate histórico do mal que a ciência ocasionou à moral. A crença no progresso científico, fez com que culturas talentosas regredissem moralmente, conhecendo, portanto, o luxo e os vícios. Dessa forma, o poderio e a elevação ao antropocentrismo construído pela razão moderna não desenvolve as habilidades morais, pelo contrário reforça um homem fraco, que se refugia da verdade, ao mesmo tempo em que arquiteta uma classe de intelectuais fundamentada em um egocentrismo.

A crítica de Rousseau não deve ser entendida, no entanto, como uma guerra deliberada à ciência, com efeito, diz este que: “Não é a ciência que maltrato, disse a mim mesmo, é a virtude, que defendo perante homens virtuosos” (ROUSSEAU, 1973a, p 341), virtude essa perdida com o advento das luzes. Essa discussão só é possível no *Discurso sobre as ciências* a partir de uma análise das transformações dos fenômenos ocorridos nos fundamentos da constituição e desenvolvimento da sociedade, que ocasionam o progresso das Ciências e Artes, mas sem a devida preocupação com o aperfeiçoamento moral humano.

---

relaciona fortemente com a crença no progresso e com o poder da razão humana de produzir liberdade.”

Nesse sentido, mesmo a exaltação feita à ciência renascentista – que estaria no séc. XVIII, em franca ascensão –, vista nas primeiras linhas do *Discurso sobre as ciências*, submetido à academia de Dijon, é uma perspectiva autorreflexiva, que possibilita aos homens de letras situarem-se, percebendo o seu próprio momento histórico, os processos de sociabilidade e principalmente, a filosofia que segue na proteção e manutenção do progresso científico, ao invés de buscar a realização de um homem que recupere seus valores, seja no campo da virtude e/ou da política (este último denunciado, sobremaneira, no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*). Com efeito, diz Rousseau (1973a, p. 343)

Como seria doce viver entre nós, se a contenção exterior sempre representasse a imagem dos estados do coração, se a decência fosse a virtude, se nossas máximas nos servissem de regra, se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo! Mas tantas qualidades dificilmente andam juntas e a virtude nem sempre se apresenta com tão grande pompa.

Nessa concepção a satisfação dos sujeitos na sociedade, ou seja, no mundo moral é uma prática advinda do pensamento, como representação. Os “estados do coração”, nesse parâmetro diz respeito ao sentimento, portanto à esfera da Natureza, que deveria fundamentar regras de conduta, possibilitando comportamentos virtuosos, excluindo a hipótese de uma ciência e, por assim dizer, de uma cultura corrompida, que envaidece, acomoda e degenera os homens que, solapando o ser, silenciando a voz da consciência, optam pela sociedade da aparência. Como bem o percebeu Espíndola (2012, p. 93):

Rousseau sustenta que as ciências e as artes não possuem seu florescimento ancorado numa iniciativa bondosa, generosa, e inocente dos homens; essas ficam bem longe de representarem, como era o entendimento da tradição, frutos de uma curiosidade desinteressada. Em sintonia com o pensamento de Fontenelle<sup>3</sup>, o filósofo genebrino encontra a origem daquelas nos vícios e interesses exclusivos dos particulares, que seriam impulsionados pela condição de ociosidade em que viviam, a qual é considerada como algo negativo.

A ousadia de Rousseau, em questionar o modelo de civilidade que está se desenhando no pensamento filosófico iluminista, sinaliza para a prepotência moderna de colocar no sujeito racional a referência de um agir tecnicista e menos virtuoso, muito embora lustrado, com o verniz da polidez, do refinamento dos costumes. Por conseguinte, ressurte-se o genebrino da falta de uma filosofia empenhada em traçar uma cultura que fundamente o desenvolvimento e aprimoramento ético. Em última análise, o que temos claramente delineado são os riscos a serem enfrentados pelos homens ao longo do cientificismo.



O que observamos é um estado de alerta, trazido doravante pela percepção do declínio, é a degeneração da cultura ocidental: “nossas almas se corromperam à medida que nossas ciências e nossas artes avançaram no sentido da perfeição” (ROUSSEAU, 1973a, p 345) – , eis a síntese rousseauísta. A perfeição moral está dissociada do ideal de perfeição oferecido pelas ciências e as artes, uma vez que ambas caminham de forma distorcidas, assim, não existe a possibilidade da transformação ética no progresso da ciência, mas o distanciamento e o desequilíbrio com os próprios aspectos naturais.

Se as ciências purificassem os costumes, se ensinassem os homens a derramar seu sangue pela pátria, se incitasse à coragem, os povos da China deveriam ser sábios, livres e invencíveis. No entanto, se não há um vício sequer que não os domine, um crime sequer que não os domine, um crime sequer que não lhes seja familiar, se nem a luz dos ministros, nem a pretensa sabedoria de suas leis, nem a multidão de habitantes desse vasto império puderam resguardá-lo do jogo tártaro ignorante e grosseiro, de que lhes terão servido os sábios? (ROUSSEAU, 1973, p 346).

A própria história do ocidente é capaz de revelar ao homem moderno os perigos da ciência, no que tange ao declínio da moral. Não se trata simplesmente de um projetar para o futuro e presumir consequências que ocorrerão no processo de sociabilidade trazido pelo pensamento iluminista, mas de um olhar para trás, buscando o fundamento do processo de desnaturalização e, por assim dizer, da perversão humana.

As críticas dirigidas aos homens de letras sustentam a tese de que os povos vivem seus conflitos, violências e tragédias civis mesmo em uma sociedade com um saber aprimorado. Não é o fato de uma determinada cultura valorizar o desenvolvimento das ciências que lhe fará mais justa em relação à outra menos aprimorada, todavia parece estar subentendido que o próprio caráter da sabedoria não faz o corpo social criar e gerir leis de convivência e de sociabilidade. Ou seja, a história revela um ciclo em que a tarefa do pensar científico em nada resolve o lado mais essencial de uma comunidade humana que é o saber ético. De tal forma que o próprio corpo legislativo que se constitui entrelaçado a uma visão iluminista, não oferece um fundamento filosófico para o aprimoramento das virtudes, como ensinará Rousseau, sobretudo, no *Discurso sobre a desigualdade*.

A segunda parte do *Primeiro Discurso* traz à lume uma sociedade onde o útil é preferível ao agradável e homens identificados pela sua especialidade e não mais pela sua condição de cidadãos, uma sociedade fragilizada pelo renascimento das ciências e das artes.

Eis o que, com o correr do tempo e em todos os lugares, causa a preferencia dos talentos agradáveis aos úteis e o que a experiência vem confirmando, à sociedade, desde o renascimento das ciências e das artes. Temos físicos, geômetras, químicos, astrônomos, poetas, músicos, pintores; não temos mais



cidadãos ou, se nos restam alguns deles dispersos pelos nossos campos abandonados, lá parecem indigentes e desprezados. (ROUSSEAU, 1973a, p 357).

Com base nisso, percebe-se que esse desenvolvimento proporcionou também consequências de ordem política, na medida em que o indivíduo se tornou refém das ciências e das artes, acostumados ao luxo, honrarias e às comodidades delas provenientes, tornando-se preguiçosos, fúteis, covardes e subservientes.

Enquanto o Governo e as leis atendem à segurança e ao bem-estar dos homens reunidos, as ciências, as letras e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro de que estão eles carregados, afogam-lhes o sentimento dessa liberdade original para a qual pareciam ter nascido, fazem com que amem sua escravidão e formam assim o que se chama povos policiados. (ROUSSEAU, 1973, p 342).

## **A RECUPERAÇÃO POLITICA COMO FUNDAMENTAÇÃO DO APRIMORAMENTO MORAL**

*O Segundo Discurso – Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* –, é escrito para responder a uma questão distinta da que resultou no *Primeiro Discurso*, trata-se de avaliar nesse se a lei natural teria autorizado a desigualdade entre os homens. Entretanto, o diagnóstico desenvolvido por Rousseau no *Primeiro Discurso* de modo algum é abandonado, pelo contrário, poder-se-ia dizer que é reafirmado a partir de uma nova perspectiva, que implica não apenas pensar o homem a partir de uma condição natural e, portanto, de um hipotético estado de natureza, mas também sob uma ótica sociopolítica, demonstrando como este vai se desnaturalizando e degenerando à medida que entra em sociedade e que há um aumento das luzes, a ponto de instituir a sociedade civil por meio de um pacto iníquo, fundado na sujeição dos homens a um governo detentor de soberania.

Trata-se de uma nova argumentação, entretanto Rousseau não abandona a linha de pensamento já discutida no *Discurso sobre as ciências*, na qual a ruptura entre natureza e cultura, estabelecida em função do progresso, é apontada como principal causa do declínio da humanidade, antes dá a esta continuidade, mas agora com mais força e incisão, até pelo grau de maturidade já concebido em sua filosofia política. O público é o mesmo, os pensadores com quem está dialogando são os que ainda continuam acreditando no progresso científico. A academia de Dijon é novamente confrontada com o filósofo que avança em relação aos seus contemporâneos.

Nesse sentido, conhecer a origem da desigualdade é entender a própria genealogia do progresso científico, que decorre da constituição de uma sociedade civil alicerçada no vício, algo desconhecido pelo homem no estado de natureza. Quanto a isto diz Rousseau (1973b, p. 257):

Parece, a princípio, que os homens nesse estado de natureza, não havendo entre si qualquer espécie de relação moral ou de deveres comuns, não poderiam ser nem bons e nem maus ou possuir vícios ou virtudes, ao menos que, tomando estas palavras num sentido físico, se considerem como vícios do indivíduo as qualidades capazes de prejudicar sua própria conservação, e virtudes aquelas capazes de em seu favor contribuir, caso em que poderia chamar de mais virtuosos àqueles que menos resistissem aos impulsos da simples natureza.

Há que se observar, portanto, que não apenas a noção de vício é algo que não faz sentido para o primitivo homem do estado de natureza, a não ser, como dito na passagem supracitada, num sentido estrito, mas também que própria ideia de relação moral, não lhe é familiar, pois depende tanto do convívio social, pois é ele que vai ditar a necessidade de tais regras, quanto da multiplicação das paixões e do aumento das luzes.

O homem natural de Rousseau está plenamente integrado à natureza e, por assim dizer, ao seu mecanismo, de modo que mesmo características que pareciam ser suas marcas distintivas, como os sentimentos de amor de si e de piedade natural, ou a própria razão, não os distinguem essencialmente dos demais seres, pois dos primeiros até as bestas davam sinais e, deste último, a razão, a diferença era apenas de grau. Não obstante, duas características impunham-se como diferenciadoras, a saber, a liberdade e a perfectibilidade (capacidade de desenvolvimento sobre si mesmo, que a própria natureza confere ao homem).

Em cada animal vejo somente uma máquina engenhosa a que a natureza conferiu sentidos para recompor-se por si mesma e para defender-se, até certo ponto, de tudo quanto tende a destruí-la ou estraga-la. Percebo as mesmas coisas na máquina humana, com a diferença de tudo fazer sozinha a natureza nas operações do animal, enquanto o homem executa as suas como agente livre. (ROUSSEAU, 1973b, p 248)

Imbuído do pensamento mecanicista moderno, Rousseau também evidencia a grande maquinaria do universo do qual o homem fazia parte, o que significaria, portanto, afirmá-lo como ser de natureza, não obstante a liberdade, compreendida sob um viés metafísico, distinguir-lhe ontologicamente em relação aos demais animais, circunscrevendo-se como condição de possibilidade para seu aperfeiçoamento, e, por assim dizer, como abertura para um horizonte que não necessariamente seria mais o da esfera natural. Isso tem importantes consequências, pois se de um lado Rousseau está questionando essa ruptura com o natural e,

como que, propondo a recuperação dessa imagem (temática que fica mais evidente em obras como *Emílio e o Contrato social*), por outro, está deixando claro que a liberdade é a característica capaz de permitir a humanidade transpor os limites da natureza, instaurando o mundo da artificialidade.

No entanto, como vimos, o homem, inicialmente, no estado de natureza não está inserido na corrupção, que só será ocasionada, segundo Rousseau, quando as relações sociais nesse estado tiverem lugar e se intensificarem, sofisticando-se, multiplicando-se as paixões e aumentando o conhecimento, ocasião na qual a desigualdade se instalará.

As paixões, por sua vez, encontram sua origem em nossas necessidades e seu progresso em nossos conhecimentos, pois só se pode desejar ou temer as coisas segundo as ideias que delas se possam fazer ou pelo simples impulso da natureza; o homem selvagem, privado de toda espécie de luzes, só experimenta as paixões desta última espécie, não ultrapassando, pois, seus desejos a suas necessidades físicas. (ROUSSEAU, 1973b, p. 250).

Rousseau discorrerá longamente sobre as várias formas de desigualdades que ocorreram ao longo da história da humanidade, alicerçadas no progresso da sociedade civil. Caminho que tornará possível uma compreensão política do homem em meio às transformações sofridas pelo poderio técnico, que ultrapassou as circunstâncias naturais de necessidade, conduzidas pela sua perfectibilidade.

Dessa forma, ao desenvolvimento rústico, que desempenhou um papel essencial na constituição da sociabilidade no estado de natureza, seguiu-se o surgimento da desigualdade, pois de acordo com Rousseau (1973b, p. 268): “Esses primeiros progressos puseram por fim o homem à altura de conseguir outros mais rápidos. Quanto mais esclarecia o espírito, mais se aperfeiçoava a indústria”. A decrepitude da espécie humana atinge seu ponto mais alto no estado de natureza através da metalurgia e da agricultura, passo esse decisivo para a instituição da propriedade, que, por seu turno, conduzirá, uma vez rompido o equilíbrio de partilha da terra, à instauração da miséria de uns e do enriquecimento de outros, dando lugar assim, a relações de dependência, de escravidão, desencadeadoras de rivalidades e conflitos os mais diversos, a ponto de Rousseau (1973b) denominar essa situação de estado de guerra. Um estado capaz de ser superado apenas através da instituição de uma sociedade jurídica, constituída via pacto.

Com a instituição do direito de propriedade, a técnica, que nesse cenário desponta como necessária, à medida que a sociedade civil se estabelece vai proporcionando paulatinamente o desenvolvimento de mais técnicas, haja vista que tem-se a busca acelerada da produção de coisas pelo homem, que fogem as suas necessidades naturais, em função da

criação de novas necessidades que não são postas pela natureza, mas pelo imaginário fictício e assombroso das luzes.

No seio dos aspectos mais primitivos da técnica, se projeta a grande maquinaria futurística da ciência. Como “a metalúrgica e a agricultura foram as duas artes cuja invenção produziu essa grande revolução” (ROUSSEAU, 1973b, p 271), foi possível a partir daí potencializar novas fontes de progresso, que acelerou não simplesmente a industrialização vivida pela sociedade civil, mas influenciou as relações de convivência, criando dimensões morais ainda mais intrínsecas ao imaginário social.

Ademais, com o subterfúgio de tornar a convivência dos indivíduos possível, os homens “destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade [...]” (ROUSSEAU, 1973b, p 275), alegando ser o direito natural um obstáculo a tal convívio. Nesse sentido, o *Discurso sobre a desigualdade* – diferente do que ocorre no *Discurso sobre as ciências*, que trata de vícios, refinamentos, frivolidades, artificialidades, luxos já estabelecidos e, portanto, característicos de uma sociedade adoecida pelo progresso das ciências e das artes –, apresenta uma exposição capaz de demonstrar o motivo pelo qual na sociedade das luzes, os homens encontram-se submersos em extrema desigualdade civil.

Conclui-se dessa exposição que, sendo quase nula a desigualdade no estado de natureza, deve sua força e seu desenvolvimento a nossas faculdades e aos progressos do espírito humano, tornando-se, afinal, estável e legítima graças ao estabelecimento da propriedade e das leis. (ROUSSEAU, 1973b, p 288).

Percebemos a existência de um paradoxo vivenciado no século das luzes, onde a crença na ciência e principalmente no positivismo das leis, não favoreceu como previsto, o aprimoramento da sociedade, mas uma transgressão da lei natural. Progresso Moral e Progresso Científico não se tornam possíveis em uma cultura que tem como fundamento uma desigualdade regulamentada e protegida por força institucional. Portanto, as próprias instituições modernas que deveriam resgatar o aprimoramento político, conduzindo o corpo social a um patamar capaz de preservar e estabelecer a vontade geral, diminuindo sobremaneira a desigualdade civil, seguiu por caminhos absolutamente antagônicos à liberdade e, conseqüentemente, à natureza humana. A própria história ratifica o declínio e a degeneração da sociedade, mostrando, claramente que quanto mais o progresso das ciências e das artes foi se aprimorando, cada vez mais se reforçou a desigualdade e a corrupção dos costumes.

As advertências feitas no *Discurso sobre as ciências e as artes* são marcantes para o homem moderno, assim avisa o filósofo: “Povos, sabeis, pois, de uma vez por todas, que a natureza vos quis preservar da ciência como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho”. (ROUSSEAU, 1973a, p 349). Em termos pragmáticos, em ambas as obras, o diálogo que se faz necessário é da recuperação de uma filosofia política que pense o homem em meio a sua cegueira diante das luzes do progresso técnico-científico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sobre a sociedade moderna circunscrita no pensamento filosófico de Jean-Jacques Rousseau perpassa o tempo, servindo de alicerce para compreensão da atualidade mediante o entendimento do significado do desenvolvimento científico, desenvolvimento este sustentado na vaidade e na crença do progresso tecnológico. Ora, não poucas foram e tem sido as discussões no mundo contemporâneo sobre as consequências desse progresso, o que por si só justifica o retorno a Rousseau, fazendo-nos mais uma vez colocar em reflexão o caminho que tem trilhado a humanidade sob a direção da ideia de progresso.

Assim, considerando a obra de Rousseau, podemos dizer que nela estão inegavelmente associadas a crítica da modernidade e uma teoria da história. Do primeiro ponto de vista, o da crítica da sociedade de seu tempo, sua radicalidade não deixa nada a dever aos nossos contemporâneos que denunciam a barbárie dos tempos modernos. (SOUZA, 2001, p.91).

Com efeito, encontramos no conjunto de suas obras e, mais especificamente, nos seus *Discursos* uma estrutura de compreensão e análise que atravessaram os tempos, fazendo ainda, muito mais sentido, após os acontecimentos trágicos que ocorreram no cenário industrial, político e econômico dos séculos seguintes, principalmente nos países que aceleraram o domínio técnico-científico.

A história contemporânea do século XX provou que o progresso técnico esteve o tempo todo permeada por questões políticas, tendo como consequência impactos, por vezes, insanáveis. Os acontecimentos que acompanharam o cenário científico-político nos conflitos entre guerras evidenciaram os efeitos trágicos da ideia de progresso decorrentes do pensamento moderno.

A fé no progresso vacilou com a Segunda Guerra Mundial, mas tornou a reviver artificialmente através de um desenvolvimento científico e tecnológico enorme e de uma explosão de consumo sem precedentes. Mas o dano estava feito. (LYON, 1998, p.15).

A crença no progresso da razão e no tecnicismo presente no berço da modernidade, não teve suas frustrações tão compreensíveis no tempo das luzes, mas foi o itinerário do desenvolvimento da história que revelou para a própria cultura ocidental e para classe intelectual o que Rousseau já enfatizava nos escritos enviados a Academia de Dijon.

Penso que Rousseau é importante não porque ele inaugurou a mudança; eu argumentaria que essa grande popularidade é oriunda em parte, por ele articular algo que já estava ocorrendo na cultura. Rousseau frequentemente apresenta o problema da moralidade como aquele em que nós seguimos uma voz da natureza dentro de nós. Essa voz costuma ser abafada pelas paixões induzidas por nossa dependência das demais, das quais a paixão-chave é o “amor-próprio” ou orgulho. Nossa salvação moral advém da recuperação do contrato moral autêntico com nós mesmo. (TAYLOR, 2011, p 36)

Só despiando os homens das luzes da vaidade e do retrocesso moral, a que o progresso científico conduziu o corpo social, é possível fazê-lo dar ouvidos a voz dos sentimentos primitivos que compõem originariamente a sua essência, a saber, o amor de si e a bondade natural, sufocados que foram pelo mundo da aparência. Para Berman (2016), ao focar no homem natural, tirando-lhe o véu da sociedade civil que lhe cobria, teria Rousseau mostrado como que a vida nua deste.

Rousseau, no *Discours sur les arts et les sciences*, denuncia ‘o uniforme e ilusório véu de polidez’ que cobre sua geração e diz que ‘o verdadeiro homem é um atleta que ama exercitar-se inteiramente nu; despreza todos esses vis ornamentos que tolhem a livre utilização de suas forças’. Com isso, o homem nu será não apenas um homem mais livre e mais feliz, mas um homem melhor. (BERMAN, 2016, p.133).

Nesse sentido, não apenas a tomada de consciência da degeneração sofrida com o desenvolvimento das ciências e das artes, mas também o diagnóstico resultante da genealogia da desigualdade política ancora na pressuposição de um homem natural, bem como de sua vivência em um estado de natureza e são momentos importantes da crítica rousseauiana sobre o progresso. Momentos estes imprescindíveis ainda para a exposição concernente à vontade geral, como ideal político, que expressando-se na constituição de um Estado implicaria a realização da liberdade no cenário sociedade civil, tanto quanto para a proposta de uma recuperação da dimensão do sentimento e do livre pensar através da educação, através dos quais Rousseau recoloca a sociedade em uma vida na qual o melhoramento humano se adequa (ao menos de modo reflexivo) aos aspectos que advêm da própria natureza.

Para Berman (2016), o pensamento moderno desnudado pela filosofia de Rousseau, significou para a sociedade contemporânea a interpretação de que é possível a liberdade diante da maquinaria científica, que chegou ao nosso século. Mas essa liberdade se constituirá

aos moldes do contrato social. São novas reconfigurações políticas que possam retirar os homens da miséria reestabelecida com o desenvolvimento tecnológico contemporâneo.

Exaustivamente Rousseau ao responder as objeções àqueles que lhe interrogavam sobre seu *Primeiro Discurso*, deixava claro em suas respostas que não teve como objetivo nos seus escritos, uma elaboração filosófica contra as ciências e as artes do seu século, entretanto, ressaltava sua preocupação quanto ao ideal de progresso que estava sendo constituído. Ideal este que acarretava, dentre outras coisas, a manutenção da corrupção do corpo político, uma vez que, embora houvesse todo um enfrentamento crítico relativo ao absolutismo, à intolerância, às injustiças sociais, sendo mesmo o esclarecimento escopo da maioria das obras iluministas, o que evidenciava sim uma preocupação com o melhoramento moral humano, é inegável que mesmo essa crença no progresso sociopolítico e moral da espécie era decorrente da fé no desenvolvimento das ciências e das artes, com efeito, esse modelo de racionalidade científica, sem dúvida, servirá de modelo a ser perseguido em todos os âmbitos do saber e repercutirá na própria forma como os homens vão se ver e quererão ser vistos.

Evidentemente, nos mais diversos filósofos que, após Rousseau, terão a técnica como problema filosófico, a constatação da impossibilidade do abandono de toda produção técnica como obra da racionalidade estará patente. Todavia, isso não os impediu de propor alternativas à luz do pensamento rousseauiano e, portanto, tê-lo como farol, fuge, claramente, à proposta da presente investigação abordá-las, no entanto, isso não nos priva de apontar como caminho para essa discussão uma tomada de decisão política, a fim de se repensar os horizontes da sociedade e do seu aprimoramento moral.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

ESPÍNDOLA, Arley. *Jean-Jacques Rousseau: ciência, progresso e corrupção moral*. In: Argumentos. Revista de Filosofia. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, ano 4, Nº. 8, 2012 p. 89-101.

KANT, Immanuel. *Começo conjectural da história humana*. Tradução de Edmilson Menezes. São Paulo: UNESP, 2010.

LYON, David. *Pós Modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. In.: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973a.

\_\_\_\_\_. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade dos homens*. Tradução Lourdes Santos Machado; Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado e consultoria de Marilena Chauí. In.: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Maria das Graças de. *Ilustração e história: O pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. Trad. de Talyta Carvalho São Paulo: É Realizações, 2011